Polonia

Estudios
Latinoamericanos

Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos

ISSN 0137-3080

Original title / título original:

As Xavantadas enquanto performance

Author(s)/ autor(es):

Estêvão Rafael Fernandes

Published originally as/ Publicado originalmente en:

Estudios Latinoamericanos, 24 (2004), pp. 247-270.

DOI: <https://doi.org/10.36447/Estudios2004.v24.art12>

Estudios Latinoamericanos is a journal published by the Polish Society for Latin American Studies (Polskie Towarzystwo Studiów Latynoamerykanistycznych).

The Polish Society for Latin American Studies is scholarly organization established to facilitate research on Latin America and to encourage and promote scientific and cultural cooperation between Poland and Latin America.

Estudios Latinoamericanos, revista publicada por la Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos (Polskie Towarzystwo Studiów Latynoamerykanistycznych).

Sociedad Polaca de Estudios Latinoamericanos es una asociación científica fundada con el fin de desarrollar investigaciones científicas sobre América Latina y participar en la cooperación científica y cultural entre las sociedades de Polonia y América Latina.

As Xavantadas enquanto *performance*

Estêvão Rafael Fernandes

Não raro temos notícias de ações levadas a efeito por índios Xavante¹ no que diz respeito a sua relação com o Estado brasileiro. Notícias de que esses índios invadiram prédios públicos da Fundação Nacional do Índio (Funai), e outros, renderam-lhes, inclusive, um termo jocoso, único no caso do Brasil: “Xavantada”. Mas, serão tais eventos meras ações truculentas e caóticas, formas de obter alguma visibilidade e exercer pressão?

O que, afinal, os Xavante querem dizer quando realizam uma Xavantada? Sem dúvida trata-se de eventos esporádicos aos quais os Xavante dedicam alguma atenção, conferindo-lhes algum significado. Ora, “significar” implica, necessariamente, comunicar, daí a premissa de que as Xavantadas comunicam algo, e algo importante; através desse evento, os Xavante produzem e reproduzem elementos essenciais de sua cultura. É conhecido o caso em que retiraram a Diretora de Assistência do órgão de sua sala e a levaram até o térreo, onde pararam um táxi que passava, meteram a diretora à força no carro e lhe avisaram para que nunca mais voltasse. Poderiam simplesmente tê-la enchido de bordunadas,² mas não fizeram (aliás, quase nunca fazem). Por quê? É o que veremos a seguir.

---

¹ Os Xavante são índios de língua Macro-Jê, atualmente em torno de 11.000, habitando a porção leste do estado do Mato Grosso/Brasil.

² Bordunas são espécies de tacapes, tacos de madeira com cerca de um metro utilizados como arma de percussão na caça ou guerra.

Em primeiro lugar, o que esses índios não comunicam quando “xavantadeiam”? A primeira vista, poderia parecer que tais demonstrações são contra a Funai. Na verdade, ocorre justamente o oposto: os xavantes entrevistados afirmam que fazem isso para o bem da própria Funai, à qual se referem como “pai” (a Funai é nosso pai) – o fato de se manifestarem contra a votação de um novo “Estatuto do Índio”, que estabeleça o fim da tutela e aparentemente enfraqueça o órgão também é digno de menção. Os Xavante, por meio de suas ações, não questionam a estrutura da Funai, mas “distribuições particulares de poder” [Gluckman 1974: 4] que contradizem interesses imediatos de algumas lideranças. Esses índios não agem de maneira truculenta a esmo, mas apenas com relação a pessoas que ocupam determinados cargos de chefia: Diretores, Chefes de Gabinete, Administradores Regionais, etc. Entre os “alvos favoritos” das Xavantadas estão, justamente, os Diretores de Administração (responsável pela distribuição de DAS³) e de Assistência (responsável pela manutenção de automóveis, por exemplo). Não é mera coincidência, uma vez que carros e cargos figuram em lugar privilegiado na lista dos “bens de prestígio” almejados pelos Xavante.

Assim, ao retirarem de seu gabinete um alto funcionário, essa ação deve ser entendida não como uma rejeição ao órgão, como um todo. Ao contrário, segundo depoimentos, os Xavante imaginam estar extirpando uma pessoa que está justamente impedindo a Funai de “funcionar direito”. Recentemente, soube que os Xavante estavam planejando uma dessas ações contra uma amiga minha, a quem, curiosamente, não conheciam. Funcionária da área de saúde, estava sendo acusada de não “liberar os recursos pra projeto” – segundo constatei mais tarde, o boato havia sido espalhado por uma funcionária rival, que planejava aquilo para que seu marido ficasse com o DAS de minha amiga. A situação chegou a um ponto em que os índios informaram ao Presidente que, se ela não fosse prontamente exonerada, eles a retirariam a força. Outro fato interessante é a preocupação recente de algumas lideranças, ao saberem do edital de concurso para a Funai: “e se os contratados não souberem trabalhar pra o índio?”, “tem que chamar gente que saiba trabalhar, e não qualquer um... isso tá errado!”

Fica claro, aqui, que a principal intenção dos Xavante é zelar pela sua Fundação (“do Índio”, em Fundação Nacional do Índio é interpretado por eles como “pertencente” ao índio. A Funai seria deles). Nesse ponto, é interessante ressaltar que ouvi Xavantes me contarem como eles haviam fundado a Funai.

³ DAS são os cargos de confiança dados aos altos funcionários da Administração Pública brasileira, correspondendo a prestígio e a aumento nos rendimentos.

A seguir, trecho de entrevista realizada com o cacique Emílio, da aldeia Cristo Rei (Terra Indígena S. Marcos/MT):

...é por isso [que] outro índio [os não-Xavantes] não vem aqui Brasília, porque são atrasado, né? Ainda não tem desenvolvido, não tem capacidade, não tem muito experiência de estudante... [...] ["antigamente"] os Xavante mantém contato com civilização, já entra SPI, já tá procurando a civilização, conhecer, cada vez mais do homem, índio quer conhecer cada vez mais, cada vez mais o homem [branco]... índio [Xavante] abriu projeto em defesa de todos as nações indígenas brasileiros. Xavante. Xavante tá defendendo tudo, nações indígenas brasileiras, né? Então, Xavante fundou SPI, que hoje é Funai. Agora vem outro índio... "ah, já tem Funai, agora já tem subordinado, já tem cuidar o índio do Brasil, é a Funai, então vamo também", então cada vez mais aparece, vem aparecendo, vai aparecendo aí... Mas o primeiro que fundou, que fundou, foi o índio Xavante, que fundou isso aí, é... do tempo de general Rondon.

Na verdade, os Xavante parecem ter se apropriado do papel que lhes foi atribuído historicamente: de belicosos. Eles representam o papel de zeladores da ordem na Funai, se aproveitando da imagem de guerreiros que têm. Aliás, tal representação tem múltiplos sentidos:

- 1) eles são atores da peça, mas não seus principais autores;
- 2) eles são os atores e autores; e
- 3) eles são atores, e os autores indiretamente, seguindo modelos pré-existentes.

Os Xavante atuam, mas não os principais autores

Um exemplo do primeira caso foi dado, quando citei a funcionária que ia se utilizar da ação dos Xavante (a *xavantada*) em proveito próprio (obter um DAS para o marido). É uma situação mais comum do que se imagina, sendo que eu mesmo já protagonizei um desses eventos. A título de exemplo, reproduzo um trecho de meu diário de campo (escrito quando estava numa área de conflito de terra, conhecida como Marãiwatsede):

15 de dezembro de 2003. 17 hrs. Segunda-feira. Acampamento de Marãiwatsede – Barracão da Funai. Um belo entardecer e uma revoada de papagaios. Não fosse a revoada de mutucas e o pé ferido por um caco de

vidro (o equivalente a 4 pontos, na sola do pé direito, enquanto tomava banho no rio), tudo está ótimo. [...] Ontem Nononono me apresentou no wa'rã (conselho da aldeia) e hoje me pediu que pegasse uma patrola (espécie de trator utilizado em obras de estrada) que está fazendo trabalhos na rodovia, para que hoje de manhã fizesse uns quebra-molas aqui em frente. Aliás, ontem a noite, eles [cito os nomes] foram ao Alô Brasil [nome do posto telefônico a alguns quilômetros] e toparam com meia dúzia de pistoleiros. Enfim, hoje de manhã pegamos uns índios e fomos ver o lance da Patrola, fomos até o encarregado – Gilberto – e agora há pouco ele passou por aqui e disse que seu chefe havia liberado a construção dos quebra-molas.

O que não consta nessas anotações foi a recomendação que me foi feita, pelo funcionário da Funai, Nononono, de que “tomasse a Patrola”. No dia seguinte, conforme combinado, fui acompanhado do maior número possível de índios sobre a caçamba da caminhonete até onde se encontrava o encarregado. Muito educadamente, ele me disse que não poderia fazer os tais quebra-molas (nosso acampamento consistia em algumas barracas de lona dispostas ao longo de uma rodovia sem pavimentação, pela qual passavam motos e pequenos carros com conhecidos pistoleiros à toda, fato que causou preocupação e de onde surgiu a idéia do quebra-molas. A idéia, diga-se, surgiu dos índios, já o *modus operandi* “sutil”, ficou por conta do funcionário da Funai). O argumento de Gilberto para que não pudesse fazer os quebra-molas (três, ao todo) era convincente: como se tratava de uma rodovia federal, havia uma série de trâmites de caráter técnico e burocrático os quais deveriam ser seguidos. No entanto, como se tratava de um risco real à nossa segurança, fui forçado a agir como me haviam recomendado: chamei o cacique, disse que recomendasse ao grupo que fizesse cara de mal-humorado e expliquei ao Gilberto: “ih, não sei não... eu sei que não pode, mas os índios tão pensando em pegar o trator na marra... e eu não dou conta de segurar esses índios sozinho não...”.

O resultado dessa ação foi imediato: os quebra-molas foram construídos desde que a Funai se responsabilizasse pela sinalização (o que foi feito após uma semana). Isso aumentou sobremaneira a segurança na “nossa parte” da rodovia (o acampamento dos pistoleiros ficava a uns 100 metros, após uma ponte, também ao longo da rodovia), mas piorou o clima na região. Interessante perceber que poucos integrantes da equipe da Funai sabiam que a ordem tinha partido de Nononono, achando que a iniciativa de “aliciar” os índios havia sido minha. Isso rendeu inclusive uma reunião da equipe na qual fui formalmente acusado de ter usado os índios. No entanto, quando informei que havia apenas seguido or-

dens (eu não estava lá como pesquisador, mas como consultor da equipe do Programa Xavante em Brasília), o assunto foi encerrado.

Há, ainda, mais alguns casos que poderiam ser citados, sendo relativamente comum aos Administradores Regionais e/ou Chefes de Posto negociarem apoio dos índios em troca da manutenção de seus carros ou mesmo de baterias de caminhão. Em 2000, a equipe que eu integrava (da qual também fazia parte Nononono) quase foi presa por um grupo armado de índios em uma aldeia, pois havíamos feito denúncias a alguns funcionários da Funai na região.

Não se pode dizer, nesses casos em que eles atuam, mas não são os autores, que eles sejam “usados”, pois isso seria retirar todo o poder de agência dos índios. Na verdade, nesses casos a iniciativa não parte necessariamente deles, ainda que, ao longo do processo, seja dado um “toque Xavante” à ação (seriam, pois, “co-autores”). No caso de Marãiwatsede, por exemplo, as lideranças que para lá se dirigiram obtiveram combustível, munição, víveres e alguns, inclusive, o pagamento de diárias. É um processo que ocorre em duplo sentido: os índios se deixam levar por interesses diversos, como disputas internas na Funai (o faccionalismo entre os funcionários do órgão é evidente); em contrapartida, recebem cargos, automóveis, verba para projetos de desenvolvimento em suas aldeias, etc.

Os Xavante são os atores e autores

Uma coisa, no entanto, não fica clara. Temos, no palco, os Xavante e nos bastidores, os funcionários da Funai. Mas, e na platéia? Na verdade, essa seria uma interpretação muito pífia, dado o tipo de fenômeno que estamos analisando. Os bastidores, os atores, a platéia, o cenário... tudo faz parte da encenação e todos são, de certa forma, platéia, atores e produtores (autores, diretores, etc.). Há não uma, mas várias peças e papéis sendo atuados simultaneamente e variando de acordo com o contexto. Da mesma forma que Peirce fala de “signos multifuncionais”, poderíamos pensar na Xavantada como uma performance na qual há papéis sendo interpretados de forma multifuncional.

Se tomarmos uma sinfonia como exemplo (a Nona, de Beethoven), talvez isso fique mais claro: se ouvirmos apenas os violinos, ou os oboés, ou o coro, cada qual toca a Nona, mas nenhuma é a Nona, e sim partes de um todo que, ainda que façam sentido isoladamente, somente poderão ser vistas integralmente se tomarmos cada uma em conjunto. Assim, há diversos “rituais de interação” ocorrendo: um Diretor A com uma facção X; o mesmo diretor com a facção Y, a facções Y e/ou X com o Diretor B; o Diretor A com o B e a facção X com a Y.

O palco se complica se levarmos em conta que não há apenas duas facções e/ou dois Diretores, mas sim uma complexa teia de relações onde idealmente cada qual tenta tirar, para si, o máximo proveito material e simbólico da situação. Em meio a tantos coadjuvantes, a um intrincado cenário e em meio a tantas máscaras, a fim de não se perder, o ideal na análise dessa situação seria tentar buscar os atores principais e suas impressões sobre o que encenam.

Na verdade, não se trata aqui de mera retórica, mas de resgatar o sentido que os próprios Xavante dão aos atos performativos. Dois depoimentos podem ajudar a elucidar esse sentido, realizados uma semana após uma “Xavantada”:

(Trecho de entrevista realizada com o cacique Emílio, em 25 de junho de 2001) o que vem aqui, expulsa o diretor, aqui na sede da Funai, porque não tá liberando, aí. Mas, a Funai não é dona da fábrica do dinheiro, mas é o Ministério, o culpado congresso, o Fernando Henrique não tá repassando pro Ministério [da] Justiça, até repassar aqui pra Funai, por isso que tá demorando aí. É por isso vem um grupo, né, não é todo não, só Parabubure.⁴ Passa aí, tira o relógio, celular, feio... fora minha disposição, tá errado, tá errado, eu não concordo não, tá errado...

(Trecho de entrevista com Pascoal, de Parabubure, um dos atores da Xavantada referida acima, em entrevista feita no mesmo dia na sede da Funai) Naquele dia que viemos pra poder tirar esse diretor da Funai que tá enganando muito, jogando muito nossa solicitação, daí todas as lideranças e os guerreiros viemos pra tirar. Era sexta feira, chegamo nove horas na hora que a gente chegou e já tinha pegado pra fora e jogado pra lá,... a gente não tá esperando pra volta dele. Se voltar vai ser muito violento,... [...] tou achando bom, ele tem que sofrer, ele tá ganhando muito dinheiro nas costas da gente. A gente tem direito de pegar ele, e amarra e bater nele com a borduna.

Como se vê, tais episódios estão longe de ser considerados uma unanimidade mesmo entre os próprios índios. Nesse sentido, participar de um desses eventos quer dizer algo da mesma maneira que não participar também possui significado próprio mas, como se disse, tanto “xavantadizar” quanto não “xavantadizar”, reforçam, cada qual a sua maneira, a estrutura da Funai. Há, no entanto, algumas problematizações no uso mesmo desse conceito (“xavantada”). Não são os índios que o utilizam, mas algumas parcelas de indigenistas e antropólogos. Suponho

⁴ DAS são os cargos de confiança dados aos altos funcionários da Administração Pública Brasileira, correspondendo a prestígio e a aumento nos rendimentos.

mesmo que os Xavante o ignorem, por ser pejorativo (assim como “xavantaço”, termo usado por André Toral em seu artigo publicado no CEDI/1986, “Xavantaço ou Funailaço”). Escrevi, de início, que os Xavante conferem significado às xavantadas, mas não são, evidentemente, os mesmos significados que nós, não-xavantes, conferimos. Para nós, à primeira vista, a Xavantada pode ser vista como um mero ato impulsivo realizado pelos Xavante na sede da Funai para garantir seus interesses e demonstrar sua força. No entanto, não é o que se verifica.

Os Xavante, até onde sei, não parecem possuir um termo específico para suas incursões na Funai, mas tais incursões lembram, e muito, as excursões de caça realizadas por aquele povo. Os preparativos, que envolvem decisões coletivas na aldeia, a análise de contexto, a divisão de tarefas no decorrer da viagem, a regularidade dessas viagens, etc., chegando, finalmente, a distribuição ritual do produto da caça. As Xavantadas são planejadas de forma parecida: há uma reunião no conselho da aldeia decidindo quem irá e com quais objetivos; leva-se em conta se há recursos disponíveis para a viagem, se há aliados com quem se possa contar, se alguém sonhou algo que possa prever o que ocorrerá ao longo da viagem, garantir-se-á os meios mágicos para que os *waradzu* (brancos) escutem os que os Xavante têm a dizer e atendam a seus pedidos (o brinco específico, assim como o “pozinho para amansar o branco”, que passam em nós sem que percebamos e a corda de embira específica que amarram em seus braços), leva-se pequenos presentes para agradar aos brancos (cestas, cordões de embira para o pulso, enfeites, etc.), etc. As Xavantadas se iniciam muito antes, tendo sido discutidas em Brasília entre o grupo que aqui se encontra e, muitas vezes, havendo o contato por rádio com a aldeia. Os Xavante, na maior parte das vezes, se pintam para tais incursões e se armam com as tradicionais bordunas, circulando de arco e flecha pelos corredores da Funai. Ora, se fosse um evento meramente corriqueiro, por que teriam tanto cuidado? Bastaria invadir a sede da Funai armados com espingardas e revólveres e fazer valer seus interesses. Não o fazem porque o importante não é apenas alcançar seus objetivos, mas o meio pelo qual o alcançam – a performance em si.

Dois eventos podem ajudar a exemplificar o que quero dizer. O primeiro ocorreu em 2002 na sala de reuniões da Presidência da Funai. Um menino de uma facção A havia morrido afogado, por estar bêbado. Sua família acusava o chefe do posto (da facção B) de ter sido responsável, por ter sido ele a dar bebida ao rapaz. Como reparação à morte dele, a facção A estava em Brasília buscando a transferência da chefia do Posto para o pai do rapaz morto, sendo que, na reunião que presenciei, o pai encenava uma tentativa de avançar sobre o Presidente da Funai com uma borduna, sendo contido por seus parentes. No entanto,

nem os funcionários da Funai presentes, tampouco a maior parte dos Xavante, esboçou maiores reações. O motivo? Era uma encenação, uma catarse através da qual o pai buscava externar a dor pela perda do filho. Em momento algum, ainda que quisesse, teria avançado sobre o presidente do órgão. Já houve algumas oportunidades em que os Xavante tiveram chance, mas avançaram sobre sua mesa, não sobre sua pessoa.

O segundo ocorreu enquanto estava fazendo trabalho de campo na aldeia Córrego da Mata, em 2000. A seguir, um trecho de meu diário de campo:

29 de agosto – 4.ª feira – 9:45hrs. Lastimo o fato de não ter podido levar meu gravador na expedição de caça no outro dia, pois ocuparia muito espaço na minha bolsa, e pelo tipo de empreitada algo tão frágil se mostraria inconveniente. Vou tentar reproduzir o diálogo entre o Alexandre [cacique de “minha” aldeia] e um fazendeiro na noite da fazenda Água Limpa (dia 25 de agosto). Estacionamos o caminhão F-4000 (dado pela Funai em abril) em frente à sede da fazenda, buzinaamos, desligamos o motor e ficamos esperando. Na cabine, o motorista, eu e Alexandre (na janela). Na caçamba uns 5 ou 6 índios. Depois de alguns minutos alguém acende uma lanterna no interior da casa. Abre-se a porta e sai alguém [o fazendeiro]. Empréstimo minha lanterna para Alexandre, que vai se apoiando em sua borduna e vai ao seu encontro. Devagar vamos saindo do carro e da caçamba, enquanto os dois se cumprimentam.

Fazendeiro – O que vocês vieram fazer aqui, tão tarde?

Alexandre – Viemos pra perguntar se podia botar fogo no mato (sempre calmo) [o cacique se referia a caçada com fogo, na qual os Xavante colocam fogo em uma grande área circular deixando uma saída para os animais fugirem. Quando isso acontece, os Xavante já estão esperando armados, o que significa um grande suprimento de carne. Normalmente ocorre no fim da estação seca sendo que, por terem relativamente poucas terras, os Xavante atualmente “prestam serviço” a agricultores da região, limpando o terreno para o gado em troca da caça e de algum combustível, dinheiro e/ou gado]

F – Mas tão tarde?!

A – É que nós saímos cedo de lá. Seis horas [da manhã] (conta um pouco da viagem, e pergunta pra mim quanto tempo durou a viagem)

Eu – Umas 14 hrs...

F – Vocês não vão poder por fogo aqui não, só se for lá embaixo, no córrego. E ainda assim não vai poder. Se o Ibama descobrir, arranca meu couro.

O Alexandre passa a falar com Ademir [seu vice-cacique] em Xavante, e o fazendeiro fica intrigado perguntando o que eles falam entre si. Ninguém responde, apesar de todos entenderem alguma coisa de português. Todos olhando para baixo, com cara de cansados e/ou preocupados (na verdade, estávamos assim). Depois de uns 2 minutos, Alexandre respira fundo, olha pro chão e diz:

A – A gente queria um lugar pra pousar. Amanhã nós conversa

F – Lugar pra pousar? Ih... tá difícil...

A – A gente tá cansado, viagem foi longa, pneu estourou...

F – Estourou? Ué, põe o estepe!

A – Ihhhh.... Tá sem estepe.

F – Como é que anda sem estepe?!

E – Tinha estepe, mas também estourou (o pneu furou nos solavancos da estrada, enquanto o estepe estourou em um atoleiro a caminho da fazenda) [na volta, outro pneu estourou]

F – Ih! Tá difícil... Valdirrrr! – batendo na porta ao lado da cadeira onde estávamos. Dela sai um rapazote moreno, com seus 20 anos e baixinho) Valdir, aquela casinha lá atrás tá desocupada?

Valdir – Não senhor, tá com arroz

F – É, mas tem bem pouquinho. Se vocês quiserem podem ir pra lá hoje a noite

A – Tá, obrigado. E o senhor tem lona, pra forrar?

F – Lona?! Pra que é que vocês querem lona?!

A – Pra forrar e nós deitar em cima...

F – Não tenho lona não... chega lá vocês se virem

Mais uma vez, silêncio, cara de preocupação, etc.

F – Valdir, ainda tem aquela lona preta?

O rapaz abre uma porta no cantinho da casa e diz que sim

A – E cobertor?

F – Ah, aí vocês já tão querendo demais

A – Mas é que tá frio.

O fazendeiro vai até lá dentro e volta com um trapo que entrega ao Alexandre, dizendo como chegar a casa e recomendando que fechemos as portas no caminho.

A – Valdir, arranja outro cobertor, é pro meu filho

V – Não tem outro não...

A – Vem cá conhecer meu filho – apontando pra mim.

O moço fica meio sem jeito e volta com outro cobertor.

Em 1884 os suia tiveram provavelmente o primeiro contato com esse povo tão estranho [os brancos]. Tendo a oportunidade, eles pegaram tudo o que puderam. Esse incidente não pode ser atribuído à “decadência”, ou a “problemas de identidade dos mais jovens”, ou mesmo a conflitos de classe. [...]

A história da sociedade suia, como eles a constroem em seus mitos, é caracterizada pela aquisição de coisas desejáveis, tomadas de seres que são sempre virtualmente uma mistura de humanos e animais [o fogo que é roubado da onça, ou o milho que roubam do rato].

Agora é possível dar mais sentido ao comportamento suia na sua visita ao acampamento de Von den Steinen. Ele é paralelo às ações descritas nos mitos. [...] Mais uma vez, depois de uma inspeção inicial, os homens vão em grupo, para obter o que estes seres possuem: objetos metálicos brilhantes, tais como apetrechos para desenho. Essa atividade não era comportamento individual ou marginal. Seu comportamento – se não seu método – era modelado na mais alta expressão do comportamento correto para o bem público, tal como é descrito nos mitos de origem. Estas narrativas não devem ser consideradas como afastadas dos valores orientados para a ação do grupo, mas como uma parte integral deles [idem: 436-440. Destaquei].

No caso dos Xavante, o mesmo se aplica, ainda que em outra esfera (justamente, a sede da Funai). No plano conjectural, um fato parece latente: povos como os Kayapó, os Suyá e os Xavante possuem uma visibilidade ímpar dentre os povos indígenas brasileiros e, penso, não ser uma coincidência o fato de serem todos Jê, partilhando de uma matriz mitológica próxima. O tipo de ação desses grupos se caracteriza, justamente, pelo aspecto coletivo da ação, por sua relativa truculência (aos nossos padrões) e por um certo toque cerimonial. Uma incursão a um garimpo ou a sede da Funai não é simplesmente uma ida a tais lugares, mas segue uma série de etapas sucessivas e necessárias que vão desde a escolha dos homens, da pintura e das armas, até a estratégia mágica e “militar”. Como disse anteriormente, eles poderiam simplesmente ir a um garimpo, por exemplo, e liquidar quem quer que fosse encontrado, mas não o fazem sem certa performance (ver, por exemplo, os famosos eventos em Altamira envolvendo os Kayapó).

Outro fato digno de nota: os Xavante, ao visitarem Brasília, se paramentam tanto com as roupas de *waradzu* quanto com seus adornos e instrumentos (como a borduna e o *danhorebdzu’a*, a “gravatinha”), o que indicaria uma dupla capa, uma dupla identidade social: a de índio e a de branco; um possível diálogo entre

ambas culturas sem que, contudo, se perdesse a identidade e o pertencimento ao grupo Xavante.⁹ Assim, a Xavantada serviria, entre outras coisas para a) diminuir a distância simbólica que separa os Xavante dos *waradzu*; b) pacificar os *waradzu*; c) reverter as más escolhas feitas no tempo mítico, seja através de ações que remetam a tais mitos, por seu *modus operandi* e finalidade – obtenção de alguns tipos de bens, tal qual os Suiá na passagem citada por Seeger; ou como uma tentativa de retomar as rédeas do contato. Quanto a este último subitem, cabe aqui uma ressalva: em um trabalho anterior, tinha como hipótese sermos nós, os brancos, os Xavante que demos certo, por termos feito as escolhas certas no passado mítico, enquanto os Xavante não obtiveram os benefícios materiais que gostariam, uma vez que teriam matado seus criadores (os Pirinaí'a) e/ou escolhido o caítitu, em vez da vaca.

Neste caso, ao diminuir a distância que nos separa, obtendo carros, roupas, cargos (agente de saúde, professor, chefe de posto, etc.); ou indo a nossas escolas técnicas e universidades, os Xavante diminuem cada vez mais tal distância. Assim, aos olhos deles, eles não estão deixando de ser Xavante, mas retomando o caminho que deveriam estar percorrendo desde o início. Certa vez me disse um vice-cacique da região de Campinópolis: “Os velhos gostam quando a gente vêm à cidade, conhecer o branco, saber falar português e andar na rua. Você não está me estudando? Então, também estou estudando você”. As Xavantadas seriam, desse modo, uma forma de corrigir possíveis desvios de rota e mostrar, afinal, “quem manda”. Eles nos pacificam, eles criam a Funai e os brancos e eles conversam com os criadores através de seus sonhos – fica alguma dúvida de quem manda?

As más interpretações, nesse caso, são culpa de nosso etnocentrismo, não da “truculência” e “belicosidade” Xavante. O termo que traduzimos como roubo (*Danipsaihuri*) não significa exatamente roubar, mas tomar algo para si. No clássico mito Jê no qual os índios tomam o fogo da onça, não é uma boa interpretação colocar tal ação enquanto um roubo, mas antes como uma tomada de decisão coletiva na qual se decidia que a posse do fogo seria benéfica para o grupo. Vejamos a versão Xavante dessa história.

De acordo com a bibliografia disponível e com alguns relatos por mim ouvidos no decorrer deste trabalho,¹⁰ há muito tempo, dois cunhados¹¹ saíram para pe-

⁹ Ver Vilaça 2000.

¹⁰ Consolidado aqui uma versão autoral do mito, conforme os diferentes testemunhos que tive até o momento.

¹¹ Quando questionados sobre quem são seus “cunhados”, os Xavante indicam alguém do clã oposto ao do falante, mas de mesma geração e sexo, não necessariamente irmão/o de sua/seu marido/esposa; em oposição a “primo”, este de mesmo clã.

gar filhotes de arara vermelha. Chegando ao rochedo onde as araras vermelhas fazem seu ninho, colocaram um tronco pelo qual um dos cunhados subiu até os ninhos. Lá chegando, apesar de ter encontrado filhotes de arara, disse ao outro cunhado que não os havia encontrado, somente ovos. Dizendo que ia jogar os ovos, ele pegou uma pedra e atirou, atingindo o cunhado que ficara no chão. Se recuperando, o segundo retira o tronco que servira como escada e, apesar dos pedidos do cunhado que ficou preso ao rochedo, vai embora, sem contar a verdade ao chegar a aldeia.

Passados alguns dias sobre a rocha, uma onça (“o avô”) se aproxima do índio, que, apesar do medo, faz um acordo com a onça: em troca da reposição do tronco, jogaria os filhotes de arara para que aquela os comesse. Até então, o índio havia sobrevivido se alimentando à base de urina e fezes, encontrando-se bastante debilitado e doente. Ao descer, o neto subiu no dorso da onça, que o levou para beber água, indo muito longe e bebendo muita água. Após ter saciado a sede, o índio foi levado para a casa da onça, para comer.

Lá chegando, o jovem viu grande quantidade de carne de queixada moqueada. Naquele tempo, os Xavante não conheciam o fogo, alimentando-se de “pau podre”. O avô amarrou-lhe cordinhas nos braços e nas pernas, determinando que o neto fosse todos os dias tomar banho no rio, a fim de ficar forte outra vez. Algum tempo passado, a avó chama o jovem sob o pretexto de catar piolhos, mas, sempre que o rapaz se aproximava, ela abria a boca, assustando o neto. Isso ocorre algumas vezes até que o avô toma conhecimento e lhe entrega uma flecha de ticum, dizendo-lhe que a enfie na garganta da avó quando aquela tentar assustá-lo outra vez, o que de fato ocorre. Entretanto, quanto o índio enfia a flecha na boca da avó, esta se transforma em tamanduá-bandeira, com a flecha se tornando sua língua.

Apesar dos cuidados do avô, o neto custa a se recuperar do período que passou à base de dejetos e sob o Sol, no rochedo. Quando melhorou, o avô o levou para a aldeia, onde expulsou seu cunhado da casa de sua irmã. Mas, antes de partir, o rapaz escondera um pouco de fogo em sua cesta, sem que a onça tomasse consciência, uma vez que se seu segredo fosse revelado, ela passaria a comer gente. Contudo, um dos parentes do índio viu o fogo escondido e, uma vez espalhada a notícia, decidiram ir buscar o fogo que a onça escondia em um pé de jatobá. O detalhe importante é que tanto o fogo quanto a comida obtidos junto à onça foram distribuídos entre os habitantes da aldeia.

Animais como veado, anta, capivara e ema auxiliaram os Xavante nesta empreitada. Os meninos que iam correndo atrás do fogo junto com os animais, iam se transformando em aves à medida que caíam brasas sobre eles. Desde então, os Xavante têm o fogo.

Estão relacionados a esse mito: a) a caçada com fogo realizada pelos Xavante que, sem ter conhecimento do feitio do fogo, não poderiam, obviamente, realizar tais empreitadas; b) a distribuição ritual de comida na aldeia, uma vez que o jovem distribuiu a comida que ganhara da onça com seus parentes; c) a corrida de buriti, reproduzindo a fuga com o fogo; e d) a instituição do dono da onça (*Hutedewa*), homem capaz de, pela magia, criar uma onça para matar seu inimigo. Além disso, explicar-se-ia como surgiram o tamanduá-bandeira, bem como algumas espécies de aves.

São óbvios, além disso, os paralelos entre essa seqüência de fatos e a Xavantada: da mesma maneira que a onça cuidou do jovem, a Funai “cuida” (segundo eles) dos Xavante; a onça era animal e pessoa, da mesma forma que a Funai foi criada pelos índios (sendo, pois, considerada indígena), mas é controlada por brancos; a onça detinha o fogo, enquanto a Funai possui o acesso a bens e recursos financeiros; a onça morava longe e a sede da Funai é em Brasília; a onça fez algumas recomendações ao jovem índio ao deixá-lo na aldeia, da mesma maneira que a Funai busca assisti-los ao entregá-los alguma coisa (desde cargos até carros); tanto o jovem quanto os Xavante não obedeceram tais recomendações; os Xavante se uniram para tomar o fogo na toca da onça, após perceberem que lhes seria conveniente a posse daquele bem, da mesma maneira que os Xavante decidem ir a sede da Funai; ambos os tipos de ação são coletivas e organizadas; após o êxito da ação, o fogo é cerimonialmente distribuído entre as famílias, da mesma maneira que as lideranças distribuem os cargos e bens, além dos recursos, que recebem da Funai. Dessa maneira, uma xavantada poderia ser vista como uma incursão à toca da onça.

Há outras histórias que nos permitem tal tipo de associação, mas nossa intenção já deve ter sido evidenciada, ou seja: não podemos tomar a xavantada como um evento movido por um ímpeto irracional de um grupo de índios truculentos. Aliás, o próprio termo “xavantada” é etnocêntrico e deve ser problematizado. Além de alguns aspectos já levantados de ordem moral e metodológica, há ainda um problema na adoção desse termo: sua utilização implica estar subentendido que a totalidade dos Xavante participa dessas ações, o que não corresponde à verdade. Ao contrário, apenas alguns grupos de certas Terras Indígenas Xavante (S. Marcos e Parabubure, principalmente) participam delas. Uma hipótese que precisa ser testada é a seguinte: da mesma maneira que há grupos Xavante especializados em ocupar os limites das terras indígenas Xavante, pode haver grupos especializados nessas invasões. Em ambos os casos o que temos seria uma expressão de territorialidade, e a garantia de sua manutenção a qualquer custo.

Concluindo: a Xavantada é uma forma de dizer algumas coisas e a melhor forma de fazê-lo é, justamente, agindo. No caso Xavante, tais atos possuem dimensões diversas, pois, da mesma forma que a palavra cria, a ação recria. Vimos, pois, que a Xavantada pode ser interpretada como uma “atuação em devir”, um “performing in the making” e que é ilusório dividir em planos de ação e/ou de atuação. Há diversas esferas nas quais os atores desempenham simultaneamente papéis diferentes: todos representam para todos e a própria performance, em si, é o que se busca comunicar: não somente a relação de poder mas sim o próprio poder de agência e de transformação.

Representar (performar) é, por si só, afirmar-se capaz de agir, isto é, de existir. Representar é existir. Só representa quem existe, e performar é a afirmação de que se existe política e socialmente. A demonstração de poder às vezes é mais importante mesmo que o poder em si, aliás, demonstrar poder é uma forma de ter poder, pois implica ter prestígio suficiente para atrair sobre si os refletores.

Apêndice – Histórias Xavante citadas

História de Pirinai’a¹³

Há muito tempo, nossa gente vivia na selva, e dela tirava seus alimentos. Todos os dias os homens e os rapazes saíam à sua procura. Essa tarefa não era fácil, pois as árvores não davam frutos. Colhiam pau mofo e caçavam. À noite, reencontravam-se num lugar predeterminado e aí acampavam, distribuindo, em seguida, os resultados da batida. Estes eram os alimentos de nosso povo, no início.

Ora, entre os rapazes, dois [um Öwawâ e outro Poredzaono, segundo a maioria das fontes] eram dotados de um dom especial. Podiam, em conjunto e com o poder da palavra, criar tudo o que desejassem, inclusive transformarem-se tomando formas de animais.

Eles, saindo para as caçadas, usando este dom, começaram a criar ora uma coisa, ora outra. Colhiam em abundância e comiam. Depois levavam grandes quantidades para o acampamento para todos os que lá estavam, homens, mulheres e crianças.

Faziam isto sempre às escondidas, e, por isto, os companheiros se aborreciam. De fato, nas caçadas eles não encontravam nada e voltavam

¹³ Os Tsare’wa são um misto de gente e animais, de vivos e mortos, de bons e maus. São considerados “gente” A’uwâ, assim como os brancos (waradzu) e os Xavante, propriamente ditos.

sempre de mãos vazias, enquanto os dois wapté traziam todos os dias alguma novidade.

Começaram também a divertir-se, tomando formas de animais diversos. Assim, brincavam com os homens, amedrontando-os. Desse modo, os dois rapazes fizeram surgir suspeitas em volta de si, até que seus companheiros cansados pelas contínuas brincadeiras, mataram-nos [Giaccaria, Heide 1975: 45-46].

Os Xavante mataram seus criadores, sendo uma das escolhas essenciais no rumo tomado pelos Xavante, tanto no que diz respeito à sua condição atual de “índios”, quanto no trato com os Tsare’wa¹³ e com os Waradzu.

Na entrevista com Fernando, da aldeia Santa Cruz, este é um tema recorrente. Nela, Fernando comparou Pirinai’a a Jesus Cristo (Aibô’ra=Filho do Homem). Tendo sido mortos pelos companheiros, teriam dito ao “Pai do Mundo” (*Da’mama*: *ima-ma* quer dizer “pai”, enquanto *Da* é um termo genérico) que não desse ao povo de seus assassinos (logo, os Xavante) acesso aos bens manufaturados, gado, etc: “Pode fechar... [teriam dito Pirinai’a à *Da’mama*] deixa assim mesmo, não mande para o pensamento deles [Xavante]... deixe sofrer”. Este parece ser o motivo pelo qual os Xavante precisam dos outros – Tsare’wa e Waradzu – para obterem tais produtos.

História da Criação dos Tsare’wa

Antigamente, no começo de nossos antepassados, eles foram caçar e uma família desviou-se das outras.

Foi nosso bisavô, Ubuhu. Aconteceu assim.

Eles partiram de um acampamento para outro lugar de caça quando um toco raspou o pé de Uhuhu. Ele porém continuou caçando com o pé machucado. Em dado momento, não resistindo mais à dor, chamou os irmãos e disse que não podia mais continuar.

O velho Ubuhu separou-se assim com a mulher e filhos dos demais Xavante. Adentraram na mata todos juntos, pois queriam deixar apenas um rastro. Fizeram acampamento igual ao que faziam quando estavam com os Xavante. Depois o velho foi tirando embira, pau multiplicador, foi tirando e cortando em pedaços, foi quebrando e levou para casa.

Sentaram-se. O velho disse aos filhos para que fossem olhando os paus de embira que ele havia deixado no chão. Estes começaram a abrir-se sozinhos e deles começou a sair gente.

No outro dia partiram. O velho repetiu esta cena outra vez. Novamente saiu mais gente do pau de embira.

Foi repetindo a cena até serem muitos. Então, instalaram-se em um local para viverem sozinhos.

Passado algum tempo vendo que não voltava, foram atrás dele; procuraram ao redor da mata e não o encontraram. Por isso voltaram para casa cansados de procurar.

Enquanto isto, eles instalaram-se no outro lado do rio. Os irmãos descansaram e depois voltaram a procurá-lo. Entraram na ponta da mata: encontraram uma casa velha e abandonada. No outro dia chegaram à outra casa e foram seguindo a trilha, encontrando mais casas velhas. Estranharam o fato de ver que as casas cada vez iam aumentando. De acampamento para acampamento era maior o número das casas. E foram andando e seguindo a trilha, encontrando mais casas velhas. Perceberam pelas casas que estavam bem próximos deles. Dividiram-se para encontrar outro acampamento, quando acharam, descansaram, para no outro dia seguir em frente.

Avançavam mata adentro até que em dado momento avistaram fumaça. Os dois que o encontraram passaram pela roça e apanharam espigas de milho. Depois voltaram para reunir-se aos outros irmãos. Chegando onde estavam os irmãos, foram dizendo o que haviam visto. Sentaram-se e foram comendo a carne de tamanduá. Enquanto comiam tentavam adivinhar o porquê de tantas casas.

Chegou a madrugada, pintaram-se e amarraram-se com cordas e colocaram também *daño'reb'dzua* (colar) e foram falar com eles. Foram direto ao pátio e ficaram lá, cumprimentaram o seu irmão com o choro da saudade, porém, este não chorou.

Na madrugada arrumaram as coisas e partiram, deixaram com ele dois urucus.

Viajaram vários dias e chegaram em casa. Entraram em casa e falaram a seu pai que o haviam encontrado e que ele não estava sozinho, os filhos dele haviam-se multiplicado [Giaccaria, Heide 1975: 228-9].

História da criação do branco

Os homens e as mulheres saíram para caçar e acamparam em um local onde havia muitas indaiás, das quais passaram a tirar as castanhas.

Depois disse:

– *Vão e não voltem mais.*

Retornaram.

Chegando no acampamento todos correram para se encontrar com eles e lhes perguntaram como seus cabelos haviam crescido e tornado tão belos. Eles relataram o acontecido.

Os parentes ficaram com inveja e foram até o acampamento para que tivessem seus cabelos compridos.

Lá chegando, Tserebutuwã disse-lhes:

– *Eu pedi para que não viessem mais aqui, não obedeceram?*

– *Nós queremos ter os cabelos compridos, como os de seus irmãos.*

– *Desçam até aqui.*

Todos tiveram os cabelos compridos. Quando chegou naquele cuja mãe havia lhe atirado pedras e zombado, bateu-lhe com cera (aptomri) e ele foi diminuindo, diminuindo, até que ficou pequeno, transformou-o num sapo, pegou-o pela perna e atirou-o do outro lado do rio.

– *Fiz isso para que tenham medo. Vocês Xavante não se metam comigo. Vão e digam a seu povo que vou fazer crescer as águas dos rios para nos separar.*

De volta ao acampamento, seus parentes contaram o que havia acontecido. Tserebutuwã fez aumentar as águas nos rios transformando-os em opô're (mar) que separou os Xavante da civilização. Ele virou civilizado [Giaccaria, Heide 1975: 214-6; ênfase minha].

Em Sereburã et alii, o final da história - que nos interessa aqui mais diretamente - é um pouco mais detalhado:

O companheiro do lado esquerdo, aquele que havia batido na sua barriga, pede:

– *Ah! Eu também quero o meu cabelo comprido!*

Senta-se então espera que sua cabeça seja tocada. Mas o rapaz esquentava a cera de abelha e põe a cera bem quente na cabeça do companheiro.

– *Chiiiiii – faz barulho da cera encostando na cabeça dele...*

No mesmo momento, ele se transforma. Fica com o corpo redondo e grita:

– *Bui, bui, bui...*

Vira uti [sapo] e sai pulando pro brejo.

O rapaz fala então para os irmãos:

– *Agora vocês devem ir embora. Eu já estou longe de vocês. Estamos separados para sempre...*

Tserebutuwã era um wapté, muito guloso, nunca estava satisfeito com as castanhas que sua mãe lhe mandava, sempre queria mais, sempre mais.

Até que sua mãe perdendo a paciência ante tão grande gulodice, colocou dentro das castanhas uma coisa de seu corpo [o clitóris].

Enquanto ele as comia notou um gosto diferente, a saliva que engolia não era a mesma, não tinha o mesmo sabor.

À noite começou a pensar, queria ser Waradzu (civilizado).

De manhã quando acordou notou que sua barriga havia crescido, que estava muito grande, não podia mais andar, começou então a arrastar-se para o mato envergonhado com o que lhe tinha feito sua mãe.

Alguns parentes ao vê-lo começaram a zombar e atirar-lhe paus e pedras, porém uma parenta teve dó e deu-lhe comida.

Ele ficou só, sempre chorando.

Como as castanhas ali já haviam acabado, a tribo levantou acampamento e partiu para outro lugar, Tserebutuwã ficou só.

Passados alguns dias, já estando acampados em outro local, seu pai sentindo saudades disse aos filhos:

– Vão encontrar-se com seu irmão, vejam como está ele.

Obedecendo, partiram.

Andaram vários dias, até chegar ao local do acampamento antes abandonado. Procuraram casa por casa e não encontraram o irmão.

Dormiram.

Pela manhã, quando dispunham-se a partir, avistaram do outro lado do rio uma fumaça branca.

Atravessaram o rio e encontraram-se com duas mulheres.

Estas lhe perguntaram.

– O que querem?

– Queremos ver nosso irmão.

Escutaram então um som estranho aos seus ouvidos:

Toc. Toc. Toc.

Era o som de uma arma de fogo, em acabamento, que Tserebutuwã estava fazendo.

– Que querem? Não disse para me deixarem em paz?

-- Papai quer vê-lo, tem saudade.

– Diga-lhe que não irei, desçam até aqui. Vou dar-lhes uma lembrança.

Seus irmãos desceram e ele colocou a cabeça destes na água que caía junto (uma cachoeira) e bateu nas cabeças deles e os seus cabelos cresceram.

A família vai embora e o tempo passa...

Um dia, decidem ir visitá-la de novo. E seguem para o mesmo lugar onde ele estava vivendo. Porque ele não mudava de lugar Não era mais como A'uwã, que vivia em zomoræ...

Quando vão se aproximando, eles ouvem o barulho da água e do desmoronamento:

– Cruuuuhhh, cruuuuhhh, cruuuuuuhh. Tuoooooh, tuoooooh, tuoooooh...

O barulho mais forte ainda! Muito forte mesmo! E ouvem também um som... Como bambu estalando, quando o fogo pega na mata...

– Tum, tum, tum, tum, tum...

Vão se aproximando e quando chegam perto vêem que a outra margem está muito longe. Já não dá mais para chegar até lá. O rapaz faz o baranco desmoronar e foi alargando, alargando a água.

Os parentes conseguem ver do outro lado, lá longe, um menino brincando. O filho dele!

Agora ele tem casa diferente, tem família. E um varal cheio de roupas estendidas na beira da praia.

Os irmãos voltam para casa e contam para o pai:

– Meu pai, ele agora está muito longe. Agora tem mulher e filho, tem a família dele.

– Agora ele tem roupas e tem arma de fogo... Ele se afastou para sempre do nosso povo.

É assim a história do A'uwã que criou o mar.

É assim a história do A'uwã que criou os warazu [Sereburã et alii 1997: 70-1; ênfases minhas].

Os Xavante escolhem o caititu

Agenor, da Aldeia Córrego da Mata, a me resumiu a história da seguinte forma: Deus apresentou algodão “sem ser o de gravata” – isto é, não o algodão nativo do cerrado, com o qual os Xavante confeccionam o *dañorebdzu'a*, mas o algodão utilizado para fabricação de tecidos – ao Xavante e disse a este que pusesse o filho sobre o algodão. O Xavante não quis pô-lo, com medo que o filho caísse. Deus, então, apresentou o algodão ao branco e o branco colocou seu filho. Deus então criou a rede, mas os Xavante ficaram com medo de colocar seu filho nela, ao contrário dos brancos, que a aceitaram. Depois, Deus chamou aos índios, apresentando a vaca, mas eles não quiseram, queriam só queixada. Já os brancos

mataram a vaca. Deus apresentou ouro ao índio, que achava que era um bicho de caça e não gostou do ouro. O branco aceitou, por isso o branco “tem mais saúde”. Pergunto onde ele escutou esta história e ele responde que foi Butsé, um antigo Xavante que a contou na Casa dos Homens (*hõ*) – antes, portanto, dos primeiros contatos pacíficos e sistemáticos deste sub-grupo Xavante com os brancos. Observo que Maybury-Lewis afirmou ter ouvido uma narrativa semelhante entre os Xerente (comunicação pessoal, 18.10.2001).

Segue-se a transcrição de Aldo:¹⁴

Waradzu ipotó tsi ró dzaraha wi mhã
Branços vivos vem de lá

Tá nenheré te te rê nhariza'rá wama abazê te te wa ãma rê sa'ra
Mas falam pra nós vocês são animais

Duré marã'rê rê i waihõ ma na za'rá mono na, te te wama rê nhari dza'rá
Mas eles falam que vivemos no mato

Ô norihã ipotó waihu ú õ re, a'uwã date ipotó'ráda ropotowa te i podo ti'á
Não sabemos onde nasceram eles os índios/Xavante nasceram primeiro Deus [literalmente, “O Criador”] criou a terra

Tahawi mhã tané nhe rê te waradzu te wama'rênhari za'ra wa nhi-miza'rê'sê õ na

Mesmo assim os brancos falam pros índios que os índios eram bobos
Tané nherã wawa te ra wai hu ú
Enquanto eles falam pra nós, aprendemos as coisas

Wanori A'uwã õ norihã duré aimawihã
Nós somos índios/Xavante. Eles são outra tribo

¹⁴ Transcrição e tradução, frase por frase e no papel, de Aldo. A tradução e a transcrição acima se deram seguindo o seguinte método. Primeiramente, passava trechos da fita, em Xavante, para que Aldo fosse passando para o papel, exatamente conforme Roberto havia dito, pedindo-lhe que deixasse um espaço de duas ou três linhas entre cada trecho. Depois, já de posse da transcrição da fita, solicitei que Aldo (o índio com mais estudo em Córrego da Mata) tentasse traduzir o mais fidedignamente possível, frase por frase.

Duréihã ropotó wá tetã ma tinha a'uwã ma duré waradzu ti'ra te te hi'rida abanhi para'rê tanenherã te te hi ri ôdi mati pa hi

Antigamente Deus falou pro índio mais branco filho para colocar na rede mas ficou com medo

Warazu'ma te duré tirú ôné haré matô ti'rã tihí aba nhi para'rê te i ré sã sã ã
Pro branco mais falou colocar filho direto na rede. Ficou balançando

A'uwã nori uhô zôsi te te 'rê hu ri mono da wahã wa ôhã wa a ré ti hi
Os índios querem só caititu para se alimentar. Se fosse eu comeria

Ropotówa tete tâma'mahörö za'rá powawã tete a ré tsi wirida'tazahã tete sima wéza'rá ôdi

Deus mostrou a eles [aos índios] a vaca para matar mas não quiseram

Uhôsi te sima wédzara 'wahã wa ôhã wa aré isimawã
Caititu ele queria só matar. Se fosse eu queria a vaca

ã tâ ubuzi tete duré aré tâma mãhoro dza'ra, tazahã tete duré sima wãza radi tó uhôsi te sima wã dza'ra

Diamante ele mostrou pra eles [Xavantes] mas não quiseram. Querem só caititu

Ãné matê waradzu warãme dza'ra wahã waôhã wa a'rê te rê simi'rú zara asâte na. A'né i si tō

Aqui os brancos deixaram nós. Se fosse eu, mandava eles trabalharem bastante. Acabou Agora.

Após ter traduzido, Aldo se propôs a escrever sua versão sobre o texto que acabara de traduzir, a fim de tornar mais compreensível para mim a estrutura narrativa da história contada por Roberto. Segue-se o texto escrito por Aldo, com algumas correções de grafia e pontuação a fim de facilitar a leitura:

Branços são vivos, vêm de longe, mas falam pra nós que nós somos animais. Falam também que vivemos no meio do mato.

Mas não sabemos de onde eles nasceram, mas na realidade os índios nasceram primeiro. Assim mesmo, os brancos falam pros índios que somos bobos.

Enquanto eles falam pra nós que os índios não sabem de nada e nós aprendemos as coisas.

Antigamente, Deus mandou os índios colocarem o filho na rede, mas ele não colocou ficou, com medo. Depois também mandou os brancos colocarem o filho na rede e os brancos não ficaram com medo, colocando direto o filho e o balançando.

E os índios se arrependeram de colocar o filho na rede.

Mas, outro dia os índios iam para outro lugar e no meio da estrada Deus mostrou uma vaca a eles, para que matassem, mas eles não quiseram a vaca.

Eles querem só caititu por que adoram demais. Depois, quando eles foram novamente para outra exposição, Deus mostrou novamente a eles uma diamante, mas não quiseram de novo. Eles só querem caititu.

Foi aqui que os brancos nos deixaram. Se fosse eu branco mandaria muito a eles pra trabalhar bastante. A história nossa foi até aqui.

BIBLIOGRAFIA:

- FERNANDES Estêvão Rafael, 2002, *...E Tserebutuwã criou o branco – perspectivas Xavante sobre o contato*. Dissertação de Graduação em Antropologia Social, apresentada ao Departamento de Antropologia. Brasília: UnB.
- GIACCARIA Bartolomeu e Adalberto Heide, 1975, *Jerônimo Xavante Conta – Mitos e Lendas*. Mato Grosso: Museu Regional D. Bosco.
- GLUCKMAN Max, 1974, Rituais de Rebelião no Sudeste da África, em: *Cadernos de Antropologia*, nº 4. Brasília: EdUnB.
- GOFFMAN Erving, 1975, *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- GRAHAM Laura. 1995. *Performing Dreams: Discourse of immortality among the xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- SEEGER Anthony, 1993, Ladrões, Mitos e História: Karl von den Steinen entre os Suiás – 3 a 6 de setembro de 1884, em: PENTEADO COELHO Vera, org., *Karl Von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu*. S. Paulo: Edusp., pp. 433-444.
- SEREBURÁ et alii, 1997, *Wamreme Za'ra: Nossa palavra: mito e história do povo Xavante*. São Paulo: SENAC.
- TAMBLAH Stanley J., 1985, *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press.
- TORAL André, 1986, Xavantaço ou Funailaço?, em: CEDI. *Aconteceu Especial 17 – Povos Indígenas no Brasil – 85/86*. São Paulo: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1987, pp. 344-347.
- VILAÇA Aparecida, 2000, *O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia*, em: RBCS, V. 15, nº 44. S. Paulo: Out/2000.